

*SEÇÃO: DOSSIÊ*

## **O projeto Renasce Museu: documentação e divulgação dos acervos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**

André Leandro Silva<sup>1</sup>

### **ANTECEDENTES**

O incêndio da Reserva Técnica 1 do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB) foi um evento exigente para toda a equipe do museu e um marco na nossa história. Em outro texto publicado no número anterior desta revista falamos das reações e ações que realizamos após o fogo, algumas mais urgentes como resgate do acervo remanescente, outras que se deram em políticas institucionais da UFMG, com articulação de diferentes setores da universidade, e aquelas que se deram também na equipe atuante no museu, com reflexões sobre as nossas práticas na produção do museu.

O acervo em reserva técnica é um conjunto de objetos em espera, ansiosos para estarem em exposição, em contato com o público, se relacionando com pesquisadores e participando de pesquisas. Tivemos que lidar com o fato de que um acervo em reserva técnica, posto em espera, se perdeu e não pôde ter a chance de participar de outros processos. Portanto, coube-nos perguntar: o que podemos fazer para não submeter os acervos, agora resgatados e acondicionados em nova reserva técnica, ao mesmo desígnio da espera? Como realizar preservação sem pautá-la exclusivamente na restrição do acesso? O projeto Renasce Museu foi uma experiência para tentar responder questionamentos como esses.

O dossiê que apresentamos pretende partilhar esta experiência.

### **O PROJETO RENASCE MUSEU**

Proposto para o edital Matchfunding BNDES+ Patrimônio Cultural 2020, o projeto Renasce Museu implantou uma infraestrutura de documentação de acervos para a consolidação desses processos no MHNJB. Por meio do projeto foram adquiridos sistemas de documentação e

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG – Brasil.

gestão de acervos e equipamentos de fotografia e digitalização, que ficaram de forma permanente no museu.

Durante o Renasce Museu, trabalhamos com três grupos de acervos relacionados ao incêndio ocorrido em junho de 2020: coleção Maxakali do acervo etnográfico; acervo paleontológico; e documentos das escavações do Peruaçu e de Diamantina do acervo de Arqueologia. Mesmo que esses documentos não tenham sido atingidos, eles tratam das informações de campo do acervo bioarqueológico sinistrado, garantindo a preservação das informações que dão legibilidade ao acervo.

O objetivo geral do projeto foi disponibilizar informações (texto e imagem) dos acervos do MHNJB de forma virtual e gratuita, por meio da implantação de um sistema de documentação e gestão de acervos culturais e científicos.

E os objetivos específicos iniciais eram:

- prover ao MNHJB equipamentos de fotografia e digitalização de acervos;
- implantar o sistema de documentação e gestão de acervos Inpatrimonium;
- registrar, fotografar e marcar cerca de 200 espécimes do acervo de Paleontologia;
- registrar, fotografar e marcar cerca de 60 peças da coleção Maxakali;
- arrolar e digitalizar os documentos da Coleção Abrigo do Malhador;
- publicar site do acervo para consulta online.

A organização e disponibilização de informações de acervos em meios digitais é uma das formas complementares de acesso daquele acervo que não está mobilizado em exposição. Por uma base de dados que apresenta as principais características e imagens de um objeto é possível atender outras demandas de acesso, expandido o conhecimento e a mobilização do acervo. Também, o trabalho operacional necessário para a construção e organização das informações fornece uma metodologia de quantificação, conferência de inventários anteriores e levantamento de estado de conservação que permite ao museu dar um retorno sobre as condições de duas coleções após o incêndio.

Mas para além dos procedimentos técnicos e quantitativos, realizar a documentação de um acervo é também procedimento conceitual. Por meio da documentação construímos o sentido da musealização, ou seja, organizando as informações, elencando os termos e descrevendo os

objetos de um acervo é que construímos e apresentamos de forma coesa os motivos pelos quais aqueles conjuntos possuem valor para sociedade e devem ser preservados.

Entender a documentação em museus a partir dessas ideias é que viabiliza pensar o projeto como um ato de renascimento do museu, como uma maneira de por os acervos em contato com as pessoas, ainda que virtualmente. A documentação é uma metodologia de ação própria do museu que pode permitir a ação dupla de conhecer e fazer conhecer. Foi esse entendimento que direcionou a construção do projeto.

Importante falar que o edital Matchfunding BNDES+ que financiou o Renasce Museu tinha uma etapa antes da execução. Em linhas gerais, o BNDES apenas financiaria o projeto se ele alcançasse um terço de seu valor por meio de uma campanha de financiamento coletivo. Portanto, tivemos uma etapa anterior à execução: levantar parte do recurso financeiro em uma campanha de financiamento coletivo na plataforma Benfeitoria.

A equipe do museu, com o apoio técnico da equipe da Benfeitoria, da FUNDEP e da Assessoria de Comunicação da UFMG, construiu uma campanha que estava ancorada no entendimento de que a partir de processos de documentação o museu conseguiria contar por meio de seus acervos as histórias diversas do planeta: a partir do solo, dos fósseis, das pessoas antigas e do presente, dos animais, das plantas. Na campanha dissemos:

“Vamos construir uma plataforma virtual com esses acervos e usá-los para contar as histórias de um mundo diverso, abrindo nossas coleções para compartilhar com você as histórias que guardamos, para que continuem sendo contadas e conhecidas.” (MHNJB, 2021)

A campanha de financiamento coletivo foi iniciada em 13 de janeiro de 2021 e foi finalizada em 25 de fevereiro do mesmo ano. Foram arrecadados R\$ 410.564,00, dos quais R\$ 200.000,00 procedentes do BNDES e R\$ 210.564,00 da contribuição de 1.451 benfeitores que voluntariamente apoiaram o projeto.

A execução se iniciou em abril de 2021 e até o final do mesmo ano foram realizadas apenas atividades remotas, devido ao contexto de pandemia da COVID-19. Nessa primeira etapa, foram realizadas a compra de equipamentos, compra e implantação de softwares, determinação de parâmetros iniciais para a documentação dos acervos, seleção, contratação e treinamento da equipe.

## **DOCUMENTAÇÃO DOS ACERVOS**

A fase de trabalho com os acervos foi desenvolvida de janeiro a julho de 2022. Foram constituídas cinco equipes de trabalho:

- Equipe de Conservação: responsável pelo levantamento do estado de conservação dos itens dos acervos. Integrado pelo conservador restaurador Agesilau Almada, pelas estagiárias Valerie Takeda e Helena Viana, orientação pela profa. Alessandra Rosado.
- Equipe de Etnografia: responsável pela identificação e descrição dos itens da coleção Maxakali. Integraram a equipe as estagiárias Alice Rodrigues e Alice Nolasco, orientadas pela profa. Mariana Cabral.
- Equipe de Paleontologia: responsável pela identificação e descrição dos espécimes do acervo de Paleontologia. Integraram a equipe a paleontóloga Luana Andrade, o estagiário Gabriel Gomes e orientação do prof. Alexandre Liparini.
- Equipe de Fotografia: responsável pela fotografia dos objetos da coleção Maxakali e dos espécimes do acervo de paleontologia. Integraram o fotógrafo Miguel Aun, a estagiária Carolina de Matos orientada pelo prof. Andrei Isnardis.
- Equipe de Arqueologia: responsável pela identificação, descrição e digitalização dos cadernos de campo de pesquisas arqueológicas. Integraram a equipe a arqueóloga Anaeli Almeida, a estagiária Bruna Campos, com orientação do prof. Andrei Isnardis.

Os trabalhos foram coordenados pelo Setor de Museologia e Conservação do MHNJB, a partir de orientações gerais sobre os procedimentos de documentação e verificação de cada uma das etapas do processo. O fluxo de trabalho que propomos era formado por três etapas: identificação e descrição dos itens do acervo, levantamento de estado de conservação de cada item, fotografia e digitalização.

A primeira etapa do processo de documentação e digitalização dos acervos foi a revisão das fichas catalográficas. A partir da avaliação dos modelos de ficha existentes para as três tipologias de acervo (etnográfico, paleontológico e arqueológico), elencamos o conjunto de informações necessárias e relevantes para cada uma das delas. Esses conjuntos expressos em campos de preenchimento da ficha têm por objetivo: identificar e descrever todos os itens trabalhados; fornecer informações relevantes sobre técnicas construtivas, materiais e contexto

de produção, para o caso de artefatos; sobre taxonomia, espécies, habitat, estágio de vida, para o caso dos espécimes de paleontologia; sobre sítios arqueológicos, materiais encontrados na escavação, informações de campo, presença de croquis e fotografias, para os cadernos de campo da Arqueologia.

Junto à ficha de catalogação, foi produzida a ficha de conservação com informações do estado atual de conservação, intervenções já realizadas e recomendações para acondicionamento e guarda.

As atividades de documentação para catalogação realizam a organização e padronização de procedimentos para serem aplicados na abordagem dos acervos. A identificação individual das peças dos acervos é uma ação necessária, pois garante a devida distinção entre peças e a gestão adequada. Para isso é atribuído um número de tombo que funciona como um registro geral dos itens do acervo. Assim foram atribuídos novos números dentro de um novo padrão que seguiu o seguinte modelo: UFMGMJ.X.YYYY. A sigla UFMGMJ designa a instituição; X é um numeral de 1 a 7 que designa a tipologia de acervo do museu; e YYYY é uma numeração sequencial de quatro dígitos que designa o objeto ou espécime. A padronização foi uma etapa necessária, pois os itens dos acervos já receberam diferentes números de tombo de forma não integrada. Para não gerar novas inscrições nas peças que possuíam diferentes marcações de números de inventário anteriores optamos por identificá-las por meio de etiquetas.

Também realizamos a padronização de termos, etapa importante do processo de documentação. É necessário estabelecer a maneira como os objetos e espécimes serão nomeados e caracterizados para não gerar ambiguidade e imprecisão. Dessa forma, utilizamos dois tipos de referência para cada tipologia de acervo. Para o acervo etnográfico trabalhamos com o **Tesouro de cultura material dos Índios no Brasil** (MOTTA, 2006) e estabelecemos uma lista de termos autorizados para a designação dos objetos da Coleção Maxakali. O mesmo foi estabelecido para nomear os materiais e as técnicas empregadas na fatura dos artefatos dessa coleção. Para os espécimes foram estabelecidos termos a partir da taxonomia para identificar as espécies do acervo, padronizando 24 táxons utilizados na hierarquia taxonômica (de reino à espécie). No total, para as duas tipologias de acervo, foram estabelecidos 155 termos autorizados, utilizados para a identificação e caracterização dos objetos e espécimes.

Neste dossiê temos dois artigos que apresentam de maneira mais detida os procedimentos realizados pelas equipes de Conservação e de Paleontologia, por esse motivo aqui destacaremos alguns dos processos das demais equipes.

## **DOCUMENTAÇÃO DA COLEÇÃO MAXAKALI**

A Coleção Maxakali compõe o acervo etnográfico do MHNJB. Ela é formada por objetos produzidos pelo povo Maxakali adquiridos por meio de doação e compras. Há poucos documentos sobre a formação da coleção e as informações obtidas ao longo do projeto contaram também com relatos orais de colaboradores do museu.

Diferentemente do acervo de paleontologia, a coleção etnográfica foi parcialmente atingida pelo incêndio ocorrido no museu. Com isso uma das ações importantes do processo de documentação foi realizar a conferência do material resgatado com base nos arrolamentos anteriores. Com isso o museu pôde melhor definir as condições dos itens e reconhecer as perdas. Portanto, apesar da estimativa, no início do projeto não tínhamos certeza da quantidade de objetos que seriam efetivamente trabalhados. No total foram catalogados 133 itens da coleção entre objetos cerâmicos, estatuárias, armadilhas, ferramentas, armas e adornos.

Para a identificação e designação dos objetos da coleção, foram utilizados os termos autorizados do Tesouro da Cultura Material dos Índios do Brasil. Assim foram padronizadas as formas de nomear as peças, fazendo referência a seus usos e temáticas, bem como permitindo a quantificação adequada da coleção.

Os procedimentos de documentação ainda consistiram na descrição detalhada dos objetos, medições, identificação de materiais e técnicas construtivas. Consultando documentos institucionais, fontes orais e bibliografia, foram produzidas e coletadas informações de autorias, origem de objetos e período de produção.

## **DOCUMENTAÇÃO DOS CADERNOS DE CAMPO DA ARQUEOLOGIA**

O conjunto de cadernos compõe o acervo de Arqueologia, possui informações das escavações que originaram as coleções arqueológicas. Durante o projeto realizamos a identificação, registro e digitalização dos cadernos de campo referentes ao sítio arqueológico Abrigo do Malhador, contando de 25 cadernos. Com o andamento das atividades foi possível perceber que poderíamos trabalhar com mais cadernos. Sendo assim, registramos e digitalizamos todos

os cadernos de campo referentes às pesquisas da região do Peruaçu e mais vinte da região de Diamantina, totalizando cem cadernos, todos identificados em ficha de registro própria, com número de inventário e digitalizados.

A primeira etapa do trabalho consistiu na identificação dos cadernos, na qual foi feita a leitura de todo o conteúdo e a numeração das páginas e das fotografias, plantas e anexos de cada caderno. Todas as intervenções da equipe de arqueologia estão entre colchetes, para fácil distinção como intervenções atuais. Também, todas elas foram feitas a lápis grafite 4B.

A partir desse contato foram preenchidas as fichas catalográficas indicando número de inventário, área de pesquisa, número de folhas, número de páginas usadas, medidas, tipo de encadernação, descrições a respeito da capa, instrumentos de escrita, autoria e, posteriormente, número de páginas digitalizadas para cada caderno. Também constam na ficha: nome, número no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA (quando havia), município, áreas de escavação, temas e conteúdo, natureza dos vestígios arqueológicos e discriminação dos materiais iconográficos de cada sítio arqueológico presente nos documentos. Por último, também foram registradas na ficha informações sobre o seu preenchimento e sobre a etapa de digitalização dos cadernos, além de observações gerais.

## **FOTOGRAFIA E DIGITALIZAÇÃO**

A digitalização dos cadernos foi realizada após o processo de identificação e levantamento de estado de conservação. Foram digitalizadas todas as páginas contendo inscrições e as capas traseira e dianteira de cada caderno.

As fotografias presentes em algumas páginas dos cadernos foram digitalizadas em qualidade superior à dos demais itens e páginas com o intuito de possibilitar a visualização do maior número possível de detalhes. As páginas com registros textuais, os croquis e as plantas foram digitalizados em JPEG, em 300 dpi, e as fotos em TIFF, em 600 dpi, utilizando o padrão de 48 bits. A qualidade de todos os arquivos de imagem gerados durante o processo de digitalização é bastante alta e permite uma análise minuciosa de todo o conteúdo presente, seja ele gráfico, ou grafado com os mais diversos instrumentos.

No total foram digitalizados 2.339 itens dos cadernos referentes à pesquisa no sítio arqueológico no Abrigo do Malhador. Os demais cadernos que foram trabalhados, abarcando outros sítios da região do Peruaçu, Diamantina e outros, geraram 4.245 arquivos de imagens.

Totalizando 6.584 itens digitalizados, considerando as páginas manuscritas, fotografias, plantas, croquis e anexos.

O acervo tridimensional, objetos e espécimes, foram fotografados. As imagens produzidas tiveram o objetivo de identificar cada uma das peças de modo a assegurar a devida correspondência com número de inventário e ficha catalográfica, bem como permitir acesso e conhecimento dos acervos pelos públicos do museu. A metodologia empregada pela equipe consistiu em fazer o mínimo de três fotos (geral, topo e base) de cada peça, fotos laterais quando necessária diferenciação, fotos de detalhes de características marcantes ou condição de conservação e para os espécimes foram mantidas a vista em posição anatômica correta para melhor caracterização. As fotografias ainda continham obrigatoriamente escala de medida e identificação com número de inventário padronizado.

As fotografias foram selecionadas e tratadas e as versões finais devidamente identificadas de forma a corresponder à identificação de número de tombo, garantindo a vinculação de cada foto a cada objeto ou espécime trabalhado. Os arquivos foram padronizados com a seguinte nomenclatura: UFMGMJ0001\_01. No total foram selecionadas, tratadas e renomeadas 1073 fotografias de objetos e espécimes dos acervos de Paleontologia e Etnografia.

## **IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE DOCUMENTAÇÃO**

O projeto foi concebido para aquisição e implantação do sistema Inpatrimonium no MHNJB. A escolha do sistema se deu pela sua capacidade de resposta às demandas diversas de documentação dos acervos do museu, mas principalmente pela possibilidade de integração do museu à política de documentação da universidade desenvolvida pela Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Desde 2017 outras unidades da universidade vinham utilizando um dos módulos do sistema Inpatrimonium da empresa Sistemas do Futuro para a documentação de seus acervos.

Para se integrar ao trabalho já em desenvolvimento na universidade, adquirimos os demais módulos que possuem melhores ferramentas de trabalho para as tipologias de acervo do museu, bem como viabilizamos a implantação do sistema nos servidores da universidade (anteriormente os dados dos acervos da UFMG estavam hospedados na própria Sistemas do Futuro). Essas mudanças também envolveram a Diretoria de Tecnologia da Informação da UFMG, que hoje é responsável pela gestão e preservação dos dados digitais dos acervos.

O InPatrimonium está instalado nos servidores da UFMG e é um sistema web, ou seja, pode ser acessado via internet, sem a necessidade de instalação em computador. Os módulos de catalogação e gestão são restritos e só podem ser acessados por meio de login e senha. Também possui um módulo que permite o acesso, pesquisa e consulta do público externo.

A gestão do sistema é feita de forma centralizada na Pró-reitoria de Cultura, porém conta com a participação das unidades da UFMG que usam o sistema (Rede de Museus, MHNJB e acervos da Pró-reitoria de Cultura). Foi a partir das definições conjuntas e integradas dessas unidades que começamos a inserir as listas de termos e taxonomia e o sistema foi preparado para receber os dados produzidos sobre os acervos do MHNJB. Essa forma de trabalho poderá no futuro relacionar os diferentes acervos da universidade, permitindo uma busca integrada.

Contudo, foi desenvolvida uma página de acesso público exclusiva para o museu. A interface escolhida foi pensada para apresentar o MHNJB, seus espaços de visitação, além de dar acesso a todas as tipologias de acervo do museu. Importante destacar que durante o Renasce Museu foram inseridos para consulta pública apenas os dados dos acervos de Etnografia e Paleontologia. Porém o site já está programado para permitir acesso às demais tipologias à medida que outros acervos forem trabalhados na continuidade dos procedimentos de documentação no museu.

O site de acesso ao acervo é: <https://acervos.ufmg.br/inweb/mhnjb>

## **SEGUIMOS RENASCENDO**

O projeto Renasce Museu conseguiu cumprir todos os objetivos iniciais propostos: equipar o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; registrar e fotografar a coleção Maxakali, e parte do acervo de Paleontologia; arrolar e digitalizar o conjunto documental da coleção Abrigo do Malhador; publicar o site de consulta ao acervo. E mais do que cumprir todos os objetivos conseguimos resultados mais qualificados que os planejados inicialmente.

O trabalho com a coleção Maxakali, por exemplo, indicou a necessidade de uma maior interação do museu com o Povo Maxakali. Assim, devemos ampliar os procedimentos de documentação de acervos de forma a torná-los participativos, dando conta de apresentar ao grande público não somente as informações produzidas pelo museu. A organização das informações conquistada permite ampliar os trabalhos com a coleção podendo aprofundar nas lacunas encontradas e abrir espaços para a presença das vozes das pessoas Maxakali.

O processo de trabalho com os documentos de campo da Arqueologia, além do arrolamento e identificação de cada caderno, permitiu o aprofundamento das informações. Os procedimentos adotados especificaram os assuntos dos cadernos, os tipos de acervos escavados, quadras e níveis de escavação descritos, a existência de fotografias, mapas e croquis. Esse detalhamento aumenta a facilidade no acesso aos documentos, também organiza as informações para futura inserção no sistema. Também foi realizado o acondicionamento mais adequado dos cadernos em caixas de polipropileno corrugado, e o entendimento das necessidades de intervenções de conservação para construção de projetos futuros.

O projeto forneceu ao Museu de História Natural e Jardim Botânico uma nova infraestrutura para o desenvolvimento dos processos de documentação e digitalização de acervos. O Inpatrimonium foi formatado para receber todos os acervos do museu. Assim poderemos dar continuidade ao processo de documentação, abordando outras tipologias de acervo em projetos futuros. Por esse motivo o próprio site de consulta possui os ícones para inserção dos demais acervos.

O Renasce Museu contribuiu para a retomada dos trabalhos com o acervo do MHNJB e trouxe a estrutura para aumentar a interlocução do museu com seus públicos e para dar retorno sobre as condições do acervo após o incêndio de 2020.

Para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG fazer a documentação é reafirmar o compromisso de continuar escrevendo e narrando a partir de seus acervos as diversas histórias do planeta. Por isso mesmo, essa ação deve ser entendida não somente como preservação das informações dos acervos, mas como forma de colocá-los em relação com as pessoas. Portanto, um caminho para reduzir o tempo de espera dos objetos em reserva técnica, e uma forma de fazer o MHNJB renascer. Na superação do próprio trauma institucional de lidar com um incêndio, o museu renasce apostando na potência de colocar os acervos em relação com as pessoas.

Para finalizar, cabe-nos agradecer aos 1451 benfeitores que contribuíram financiando nosso projeto; também ao BNDES; à Benfeitoria pelo apoio na campanha; à SITAWI que fez o acompanhamento e fiscalização da execução do projeto; à Universidade Federal de Minas Gerais, à Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura, à Diretoria de Tecnologia da Informação, à FUNDEP, pelo apoio institucional; à equipe de profissionais e estagiárias que executaram o projeto; e aos técnico-administrativos em educação e professores que compõem

SILVA, André Leandro. O projeto Renasce Museu: documentação e divulgação dos acervos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

o corpo de profissionais do MHNJB, que fizeram o projeto possível. É por meio de todas e todos que o museu segue renascendo.

## **REFERÊNCIAS**

MHNJB. Campanha. **Renasce Museu: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, 13 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://benfeitoria.com/projeto/renascemuseu>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.

MOTTA, Dilza Fonseca. **Tesouro de cultura material dos Índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu de Índio – FUNAI. 2006.